

## ACTING-OUT: O OBJETO CAUSA DO DESEJO NA SESSÃO ANALÍTICA

Tania Coelho dos Santos<sup>1</sup>

Publicado em OPÇÃO LACANIANA Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, número 30, eds. Eólia, SP pags. 2001

A experiência analítica limita-se pela tarefa mesma que ela nos impõe: a de tudo dizer. O *acting out* irrompe como obstáculo interno a essa tarefa, isto é, mostra o que não se diz porque é impossível de dizer. Nas páginas que se seguem vamos ensaiar a hipótese de que há um laço de estrutura entre o fenômeno do *acting-out* e a passagem ao ato ao término de uma análise. Acreditamos seguir algumas pistas de Lacan tais como a que se segue: “No *acting-out* diremos portanto que o desejo para se afirmar como verdade, se engaja numa via onde, sem dúvida, só consegue chegar de uma maneira singular [...]’ele não é articulável, embora seja articulado’... ele é articulado, objetivamente se esse objeto que aqui designo é, o que chamei da última vez, o objeto *a*.”<sup>2</sup>

Para seguir essa pista é preciso que nos recordemos de que o sujeito de que fala Lacan constitui-se no lugar do Outro, marcado pelo significante. O Outro é barrado, isto é, sempre enigmático, incompleto, logo é impossível apreendê-lo todo porque “a garantia de sua existência falta”. O sujeito, por conseguinte, será uma ocorrência também incerta no campo do Outro. Por isso Lacan nos dá uma pista para reconhecê-lo na experiência analítica: “o único traço de sua ocorrência é um objeto que se desprende, que se dejeta ou se deixa cair”. Eis aí a importância do *acting-out* e da passagem ao ato como índices da ocorrência do sujeito como impossível de dizer.

Passo então a distingui-los sem deixar de mostrar sua articulação. Eles têm em comum o fato de constituírem modos de dejeção da cena. É preciso distinguir a dejeção de um objeto, da dejeção do próprio sujeito. O *acting-out* é uma saída à maneira de um contorno. Trata-se de uma dejeção do campo da fala pois “o objeto” se mostra. A ênfase é demonstrativa, orientada para o Outro e, portanto, não requer interpretação. O *acting-out* é já, em si mesmo, uma interpretação do desejo. A passagem ao ato é o gesto de *deixar para lá* o que é “impossível de dizer”. O sujeito devém o mais “apagado pela barra” e é dejetado da cena analítica. No momento do maior embaraço frente a uma conjunção impossível entre um “excesso de significantes no Outro” e “a falta de um único que possa representá-lo” que, com a adição comportamental da emoção como desordem do movimento, o sujeito precipita-se do lugar historiado que ocupava até então e bascula “fora da cena”. É nesse sentido que compreendemos a *destituição do sujeito suposto saber* ao término de uma análise. Ela designa o fim de uma análise e difere de uma interrupção quando é correlativa da *passagem ao ato da realidade sexual do inconsciente*.<sup>3</sup>

### a) A transferência é ou não é a repetição ?

O dispositivo analítico freudiano promove a conversão do sintoma neurótico em neurose transferencial. O mecanismo desta transformação é a obediência pelo analisando à regra fundamental: “pedindo-lhe que renuncie a qualquer crítica: sem nenhuma seleção deverá expor tudo que lhe vier ao pensamento, mesmo que lhe pareça errôneo,

<sup>1</sup>.Esse trabalho resultou do cartel sobre o sintoma do qual participam Márcia Zucchi, Sandra Viola, Aída Ungier, Nancy Moura, e Mirta Fernandes. Ele deve ser partilhado também com Munira.

<sup>2</sup>Lacan, J. *L’Angoisse (Seminário X)* Lição do dia 23 de Janeiro de 1963

<sup>3</sup>*Ibid.*

despropositado, absurdo, e, especialmente se lhe for desagradável.”<sup>4</sup> A escuta do analista deve, em contrapartida, flutuar, derivando ao sabor dos dizeres do analisando.<sup>5</sup> O desejo de saber é o efeito transferencial desta dupla injunção - a de dizer tudo e a de tudo escutar - que amarra a sessão analítica.

A promessa analítica depende, para Freud, de que o desejo de saber funcione como uma moeda de troca do “sofrimento neurótico pela infelicidade comum”.<sup>6</sup> Esse é também o efeito terapêutico que se pode esperar de um processo analítico, isto é, a redução do excesso pulsional recalçado ou à deriva, por meio da decifração do saber inconsciente. O sujeito da experiência analítica busca um objeto perdido por meio do significante. Para além dos enunciados há o dizer que é o próprio ato da enunciação no que ele se refere a esse objeto, o desejo velado na demanda. O dizer é ele próprio indizível. Por essa razão, o que é impossível de dizer é o próprio sujeito, nesse ponto, reduzido ao objeto de sua causa. O endereçamento da demanda ao Outro, sujeito suposto saber, é portanto um efeito de desconhecimento. Isso é a transferência, uma estrutura, a do discurso analítico. O inconsciente freudiano é o efeito do desejo de saber. O inconsciente, entretanto, não é completamente dócil ao desejo de saber. O que se pode e o que não se pode prometer então?

Com Lacan aprendemos a esperar um pouco mais de uma análise, acreditando talvez um pouco menos nos poderes da redução do inconsciente ao campo do saber. O desejo, como desejo de saber, tende a tornar a análise interminável. Esse é o impasse freudiano diante do fim da análise. Lacan nos anuncia que um final de análise é possível se deixamos de supor saber ao inconsciente. Essa posição de Lacan requer que consideremos mais detidamente uma outra vertente em jogo na transferência que não aquela do saber suposto ao inconsciente.

Não devemos nos esquecer que a descoberta da transferência libertou a psicanálise da técnica da hipnose, mas não enobreceu a nova prática até o ponto de inocentá-la em definitivo dos efeitos da sugestão. A consistência da transferência mostrou-se desde logo muito mais enigmática que a cega confiança no médico que sustentava o hipnotismo.<sup>7</sup> Há transferências eróticas e hostis. Há transferências que favorecem o tratamento e outras tantas que o dificultam e até impedem.<sup>8</sup> O que fazer com estas últimas? Uma mudança na qualidade afetiva da transferência poder ser um sinal de uma mudança importante na posição subjetiva do analisando diante do desejo e do gozo? Que relação esses momentos teriam com o declínio do desejo de saber e, por conseguinte, com o término de uma análise?

Penso que Freud deixou essa questão em aberto e, por conseguinte, toda a experiência analítica carece de um princípio de detenção. É o que se pode depreender das

---

<sup>4</sup> Freud, S. [1910 (1909)] p. 31.

<sup>5</sup> “Ver-se-á que regra de prestar igual reparo a tudo constitui a contrapartida necessária à exigência feita ao paciente, de que comunique tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção. Se o médico se comporta de outro modo, estará jogando fora a maior parte da vantagem que resulta de o paciente obedecer à ‘regra fundamental’.”(Freud, S. [1912b], Vol. XII, p. 150)

<sup>6</sup> Freud, S. (1895) p. 363

<sup>7</sup> “Assim, a transferência no tratamento analítico, invariavelmente nos aparece, desde o início como a arma mais forte da resistência, e podemos concluir que a intensidade e persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência”. (Freud, S.[1912] Vol. XII, p. 139)

<sup>8</sup> “Temos que nos resolver a distinguir uma transferência ‘positiva’ e outra ‘negativa’, a transferência de sentimentos afetuosos da dos hostis, e tratar separadamente os dois tipos de transferência para o médico. A transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente. Com referência a esses últimos, a análise demonstra que invariavelmente remontam a fontes eróticas.” (Freud, S. Ibid: p. 140)

reflexões sobre o término de uma análise em “Análise terminável e interminável” (1937). Freud se questiona: “existe algo como o término de uma análise – há alguma possibilidade de levar uma análise até o término?”<sup>9</sup> O comentário que se segue é saborosamente contemporâneo: “A julgar pela conversa comum dos analistas, assim pareceria ser, já que freqüentemente os ouvimos dizer, quando deploram ou desculpam as imperfeições reconhecidas de algum mortal seu colega: ‘Sua análise não foi terminada’ ou ‘ele nunca se analisou até o fim’ “. <sup>10</sup> Freud é cético quanto a possibilidade de “um ideal de normalidade psíquica absoluta”<sup>11</sup> preferindo uma concepção mais branda, a de uma aproximação assintótica com a normalidade como critério para o término de uma análise. Essa escolha, entretanto, deixa o inconsciente no campo do saber, logo só se poderá reencontrar o gozo pulsional como obstáculo, isto é, como exigência de que a análise não tenha fim.<sup>12</sup>

No percurso de uma análise, Lacan distingue três momentos da transferência: o amor, a insatisfação derivada da frustração do amor e por fim o tempo de uma satisfação difícil de romper.<sup>13</sup> Assinala desse modo a dimensão do gozo que se oculta sob a suposição de saber. O manejo da transferência não se reduz apenas ao campo da interpretação onde o gozo toma a forma problemática do desejo. O desejo é, por definição, enigmático - isto é, sempre desejo de outra coisa. Sobre um desejo sempre se pode perguntar: “o que é que isto significa?”. O desejo é, portanto, uma defesa diante de um limite, uma proibição que não deve ser ultrapassada. Interpretar, direi correndo o risco de praticar uma certa simplificação, é trabalhar para a redução do gozo ao desejo e do inconsciente ao saber. Por esta razão, podemos dizer também que essa prática correlaciona-se, em Freud, com a redução da transferência à rememoração do passado, à repetição ou à reprodução do recalcado. Quando o recurso à interpretação é insuficiente é porque estamos diante da reprodução em ato do passado. Nesse caso, o passado não pode ser rememorado e precisa ser reconstruído e comunicado ao analisando.

Em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914) Freud introduz essa idéia de que há duas modalidades de transferência: uma transferência rememoração e uma transferência *agieren*. Como a técnica da psicanálise é a interpretação do recalcado, este pode comparecer como rememoração ou como atuação. A primeira vertente reforça a aliança do analisando com o analista e é propulsora do processo analítico. A outra vertente entrava-o, acrescentando resistências.<sup>14</sup> Em ambos os casos a transferência é sempre repetição de protótipos infantis<sup>15</sup>. A diferença reside primeiramente no fato de que esses são mais acessíveis na rememoração do que na atuação. Há uma outra diferença mais importante e mais inquietante. Na transferência *acting-out* a exigência de satisfação pulsional também é atual. Com respeito a esse aspecto podemos perceber que a resistência em análise não é

---

<sup>9</sup> Freud, S. (1937): p. 250.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Freud, S. (1937): p. 251.

<sup>12</sup> Cf. Miller, J.A *El lenguaje aparato del goce*. Colección Diva, Buenos Aires, 2000a (p. 66 e 67).

<sup>13</sup> Lacan, J. “La direction de la cure et les principes de son pouvoir” in *Ecrits*, Ed. du Seuil, Paris, 1966 (p.?????)

<sup>14</sup> “Os impulsos inconscientes não desejam ser recordados da maneira pela qual o tratamento quer que o sejam, mas esforçam-se por reproduzir-se de acordo com a atemporalidade do inconsciente e sua capacidade de alucinação.” (Freud, S. [1912], p. 143)

<sup>15</sup> “Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo, e de seus derivativos, e, são invariavelmente atuadas (*acted out*) na esfera da transferência, da relação com o médico. Quando as coisas atingem essa etapa, pode-se dizer que a neurose primitiva foi então substituída por outra nova, pela ‘neurose de transferência’. O médico empenha-se por manter essa neurose de transferência dentro de limites mais restritos; forçar tanto quanto possível o canal da memória e permitir que surja como repetição o mínimo possível.”(Freud, S.(1920): p. 32)

inocente. Que valor pode ter então a recomendação freudiana de que se deve interpretar a resistência?<sup>16</sup> Não haveria nesse gesto uma recusa em reconhecer a exigência da pulsão mais além da transferência? Essa recusa não revela a resistência do analista diante de uma exigência pulsional que o inclui e que requer dele, nesse momento, o recurso a significantes novos que não reduzam o atual ao passado?<sup>17</sup> O analista, com sua presença, não seria esse obstáculo ao pensamento ?

De acordo com Freud, o manejo correto da interpretação deveria conter a repetição pulsional no domínio da transferência rememoração. Recordar é o caminho para elaborar. Elaborar é conformar “o sofrimento neurótico à infelicidade comum”. O trabalho analítico apoia-se nesse movimento que vai da repetição sob transferência à recordação e à elaboração prevenindo-se do *acting-out* que é a reprodução ou transferência *agieren*.<sup>18</sup> A atuação precipita o sujeito fora da “cena analítica” lá onde não se trata de saber e sim de viver. Isso leva freqüentemente à interrupção de uma análise. Esse ponto constitui um grande entrave para uma análise freudiana porque o aprisionamento do desejo no campo da recordação implica em reduzir a transferência ao desejo de saber desconsiderando a força da exigência pulsional que ela veicula. O efeito é o prolongamento da análise até o ponto em que ela se torna interminável.

Diferentemente de Freud, Lacan afirma que a transferência não é a repetição<sup>19</sup>. É de certo modo uma frase de efeito porque há, ele não duvida, uma relação entre a transferência e a repetição.<sup>20</sup> Essencialmente, a transferência articula-se ao movimento –

---

<sup>16</sup> “A seguir, quando a hipnose foi abandonada, a tarefa transformou-se em descobrir a partir das associações livres do paciente, o que ele deixava de recordar...Finalmente, desenvolveu-se a técnica sistemática hoje utilizada, ... emprega a arte da interpretação, principalmente para identificar as resistências que lá aparecem, e torná-las conscientes ao paciente.”(Freud, S. [1914]: p. 193)

“A princípio, o médico que analisava não podia fazer mais do que descobrir o material oculto para o paciente, reuni-lo e, no momento oportuno, comunicá-lo a este. A psicanálise era então e acima de tudo uma arte interpretativa. Uma vez que isso não solucionava o problema terapêutico, um outro objetivo, rapidamente surgiu: obrigar o paciente a confirmar a construção teórica do analista com sua própria memória. Nesse esforço, a ênfase principal reside nas resistências do paciente: a arte consistia e, descobri-las tão rapidamente quanto possível, apontando-as ao paciente e induzindo-o, pela influência humana – era aqui que a ‘sugestão’, funcionando como ‘transferência’, desempenhava seu papel, a abandonar suas resistências.” (Freud, S. (1920): p. 31)

<sup>17</sup> “Deve fazê-lo reexperimentar alguma parte de sua vida esquecida, mas deve também cuidar, por outro lado, que o paciente retenha algum grau de alheamento, que lhe permitirá a despeito de tudo, reconhecer que aquilo que parece realidade é, na verdade, apenas reflexo de um passado esquecido. Se isso puder ser conseguido com êxito, o sentimento de convicção do paciente será conquistado, juntamente com o sucesso terapêutico que dele depende.” (Freud, S. Ibid., p. 32)

<sup>18</sup> “Contudo, tornou-se cada vez mais claro que o objetivo que fora estabelecido – que o inconsciente deve tornar-se consciente – não era completamente atingível através desse método. O paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar, pode ser exatamente a parte essencial. Dessa maneira, ele não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada. É obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver recordá-la como algo pertencente ao passado.”(Freud, S. Ibid.: p.31)

<sup>19</sup> “Em sua emergência nos textos e nos ensinamentos de Freud, um deslizamento nos espreita, que não lhe poderíamos imputar – é de não ver no conceito de transferência senão o conceito mesmo de repetição. Não nos esqueçamos que quando Freud o representa para nós, ele nos diz – O que não pode ser lembrado se repete na conduta. Essa conduta, para revelar o que ela repete, é entregue à reconstrução do analista.”(Lacan, J. (1964): p. 124)

<sup>20</sup> “O que Freud nos indica, desde o primeiro tempo, é que a transferência é essencialmente resistente, *Übertragungswiderstand*. A transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação

qual uma zona erógena de - abre e fecha do inconsciente entre alienação e separação. Nesse movimento, trata-se do circuito da pulsão contornando as bordas do vazio do sujeito. A repetição pulsional, ao mesmo tempo que faz retornar os signos das satisfações anteriores (*automatôn*), reencontra o fracasso em repeti-las (*tyché*)<sup>21</sup>. Encontro faltoso, porque a satisfação que se pode obter pela rememoração é incomparável com o acontecimento. O circuito da pulsão inclui portanto esse ponto onde a rememoração falta e a referência à repetição não é suficiente para manejar a transferência.<sup>22</sup> A distinção entre a transferência rememoração e a transferência *agieren*<sup>23</sup> é muito importante para precisar esse limite entre o que pode ser rememorado e o que comparece como uma reprodução<sup>24</sup>. Neste última, a exigência pulsional é atual, razão pela qual requer um significante novo. O desejo do analista<sup>25</sup> é o nome lacaniano do instrumento para manejar o acontecimento que é, nesse caso, irredutível à reprodução do passado. Não se trata de que o analista deve reconstruir o passado onde o analisando tem uma lacuna na memória. Esse vazio é o que se verifica ser um objeto causa do desejo. O desejo do analista incentiva o analisando a criar, ele próprio, um desejo inusitado no lugar do significante que falta à memória.

Lacan, por meio das sessões de duração variável promoveu a tese de que a direção da cura analítica visava justamente a queda da suposição de saber. O manejo do tempo introduz uma separação do sujeito do campo do Outro e atualiza a exigência pulsional. A observância da regra fundamental instala um tempo que progride ao sabor de uma fala que procura algo no campo do Outro. A interpretação freudiana estabelece uma relação entre o presente de uma fala que progride e um passado que é, na verdade, atemporal pois estava escrito. “A interpretação supõe que a própria fala, que é uma leitura,

---

do inconsciente, pelo qual o inconsciente tornou a se fechar. Longe de ser a passagem aos poderes do inconsciente, a transferência é ao contrário, seu fechamento.” (Lacan, J. *Ibid.*: p. 125)

<sup>21</sup> “...a noção de que a transferência é ao mesmo tempo obstáculo à rememoração e presentificação do fechamento do inconsciente, que é a falta, sempre no momento preciso do bom encontro.” (Lacan, J. *Idem*, p. 138)

<sup>22</sup> “Eu disse que nós íamos nos fiar na fórmula seguinte – *a transferência é a atualização da realidade do inconsciente*. O que se anuncia aqui é justamente o que mais se tenta evitar na análise da transferência.” (Lacan, J. *Idem*, p. 142)

<sup>23</sup> A transferência *agieren* foi traduzida para inglês, por James Strachey, como *acting-out*. Esse termo, segundo Gauguain (...) foi forjado por Moreno em 1952, no quadro do psicodrama, que o definiu como um agir irracional na existência. “*To act out*” pode traduzir-se como desempenhar um papel, jogar um jogo, tomar medidas e fazer mímica de um texto para suprir a dificuldade de dizê-lo com palavras.

<sup>24</sup> “Se nos limitarmos a esse segundo tipo, a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o que está repetindo.” (Freud, S. [1914], p. 196)

<sup>25</sup> “Sustento que é o nível da análise – se algum passo à frente pode ser dado – que se deve revelar o que é desse ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está ligada à realidade sexual. Este ponto nodal se chama desejo e toda elaboração teórica que persegui estes últimos anos vai mostrar, ao passo à passo da clínica, como o desejo se situa na dependência da demanda – a qual, por se articular em significantes, deixa um resto metonímico que corre por debaixo dela, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, elemento que se chama desejo. ...Esta imagem nos permite figurar o desejo como lugar da junção do campo da demanda, onde se presentificam as sínopes do inconsciente com a realidade sexual. ... Esse desejo qual é? Vocês pensam que é aí que eu designo a instância da transferência? Sim e não. Vocês verão que a coisa não anda sozinha, se eu lhes digo que o desejo de que se trata, é o **desejo do analista**.” (Lacan, J. (1964), p. 146 e 148)

reconduza ao texto original”<sup>26</sup>. Há um risco inerente ao ato de interpretar que é o de reduzir todo possível, implicado no tempo da fala que progride, ao necessário, ao tempo retroativo do que estava já escrito. Por essa razão, a modalidade temporal do ato interpretativo lacaniano é a do acontecimento, que se dá como surpresa.<sup>27</sup> O ato deve apontar para o que é impossível de rememorar, desvelando o que a lembrança encobre: a falta no Outro, a incompletude do Outro, a inexistência do Outro. A lembrança é sempre encobridora, serve para fixar o sujeito no tempo que antecede o trauma. Rememorar é adiar o encontro com essa hiância no Outro. Por essa razão, Lacan, diferentemente de Freud, dirá no *Seminário XI* que a transferência não é a repetição. O que se repete numa análise lacaniana é menos da ordem da rememoração ou da reprodução de protótipos infantis e muito mais da ordem do reencontro com o acaso da origem. Por conseguinte, há um outro eixo da transferência diferente da suposição de saber: o da passagem ao ato da realidade sexual do inconsciente. Essa dimensão da transferência é do registro da pulsão e permite colocar a ênfase sobre o objeto para além do significante. Essa articulação esclarece melhor porque a transferência nesse eixo não é repetição. A transferência não é atemporal apenas porque o inconsciente estava escrito. A transferência atualiza a pulsão como fora do tempo ou o gozo como irredutível ao desejo.

Falar, não é somente rememorar mas é fazer também a experiência do desejo como impossível de saber no campo do Outro. O ato analítico lacaniano visa o avesso do que é visado pela interpretação freudiana. O ato desvela o ponto onde o ‘não saber’ revela o sujeito como um conjunto vazio fazendo com que apareça o objeto como causa do desejo. É preciso que a rememoração fracasse, que a interpretação revele sua insuficiência, que aconteça alguma coisa que desvele que a vida não se reduz à análise. O desejo de Lacan é subversivo porque introduz no processo analítico um mecanismo que se destina a precipitar sua conclusão. Para ser mais precisa, o ato analítico é um ato falho (*Vergreifung*), porque ao propor como tarefa que se diga tudo, encontra como um resíduo irredutível um “impossível de dizer”. A redução do sujeito a esse “saber que não se sabe” precipita-se na transposição do limite imposto pela regra fundamental e isto é a passagem ao ato da realidade sexual do inconsciente. É desse ato que um analista se autoriza e talvez não exatamente de “si mesmo” como nos acostumamos a repetir.

#### b) *De que falta se trata: falta ao Outro ou falta Outro?*

Como poderíamos precisar a natureza desse mau encontro do sujeito no campo do saber que termina por provocar sua morte, sua destituição isto é, a queda do sujeito suposto saber? A relação do sujeito ao saber e a gozo articula-se com a dupla relação da transferência à realidade sexual do inconsciente: a de fechamento e a de abertura, isto é, de passagem ao ato.<sup>28</sup> Para aprofundá-la podemos partir da diferença de estrutura entre o complexo de castração e o complexo de Édipo freudianos.

<sup>26</sup> Miller, J.A. *A Erótica do tempo*. *Latusa*, EBP, Contracapa Ed., RJ 2000b, p. 54.

<sup>27</sup> “A interpretação pode realizar-se do modo kleiniano. O analista kleiniano dá continuamente ao analisante um outro sentido. Isso dá ocasião a uma interpretação de jorro contínuo. A partir disso o analista torna-se um sujeito que sabe, e não um sujeito suposto. A interpretação transforma-se em uma tradução contínua do enunciado, que amortece os efeitos de interpretação, uma vez que essa se torna um acontecimento previsto, regular ou seja, ela deixa de ser um acontecimento.” Miller, *Ibid.*, p. 55.

<sup>28</sup> “...o *Seminário XI* onde a transferência é definida como a “passagem ao ato” da realidade do inconsciente” (de sua realidade sexual) e não mais dependente unicamente do sujeito suposto saber.” Soler, C. “O *acting-out* na cura”, in *Artigos Clínicos*, Ed. Fator, AS. Bahia, 1991, p. 56 não

A relação sexual no âmbito do complexo de Édipo é incestuosa e por isso é proibida. O desejo incestuoso alimenta-se da crença de que o pai é o agente da castração. A contrapartida do desejo incestuoso é o ódio parricida. Ambos alimentam uma vontade de gozo que empurra para o desafio e a transgressão. O gozo na vertente edípica promete o sujeito à morte. É o que se vê no mito de Totem e Tabu. Pai gozador, pai morto. O gozo é não apenas proibido mas também impossível, incompatível com tudo que é vivo.

A castração do complexo é diferente porque é o efeito de só haja um órgão sexual para ambos os sexos: o falo. Logo, não há Outro sexo. A consequência psíquica será a inexistência da relação sexual. Não há relação sexual porque o Outro não existe. O gozo, mais que proibido, mais que incompatível com a vida, é inconciliável com o sexo. O complexo de Édipo e o complexo de castração têm isso em comum: situar o gozo como limitado pela castração. Essa deficiência pode ser deslocada? Como se poderia abordar o gozo sem limitá-lo pela proibição, pela impossibilidade ou pela inexistência de parceiro?

O progresso do ensino de Lacan aprofunda uma dicotomia na vertente do feminino. A mulher é *não-toda* assujeitada à vertente fálica da castração. Na vertente da sexuação fálica o gozo da mulher estrutura-se em torno da reivindicação do falo. O gozo da mulher reparte-se entre a vertente do falo e outra, para além dele. Na vertente fálica da sexuação, se 'todo homem é assujeitado à castração' é porque o que funda o homem como universal é a exceção: há 'ao menos um' que não está submetido à função fálica. Nessa vertente, o gozo fica aprisionado entre um gozo reduzido ao possível e um gozo que seria "todo" se não fosse impossível.

Na outra vertente lógica podemos partir da necessidade do assujeitamento à castração. A castração, que é efeito da linguagem e não do Édipo, é necessária, não conhece nenhuma exceção. Nessa outra vertente, a ausência da relação sexual não se ordena em torno do falo, significante da diferença sexual, e sim do resto da sexuação fálica, o objeto *a*. O objeto *a* é o índice de um outro gozo, um gozo *a* mais, um gozo suplementar à ausência da relação sexual. A castração para além do Édipo prescinde do falo como garantia da universalidade. Sem o falo, a ausência da relação sexual é desmascarada. É preciso que seja introduzido um objeto suplementar, por essa razão *não-todo* assujeitado à castração, para que possa haver laço social. Podemos pensar na condição do gozo para além do falo, como um objeto contingente, novo, inventado para fazer suplência da inexistência da relação sexual.

A diferença entre esses dois operadores estruturais da constituição do sujeito, o falo e o objeto *a*, é essencial para redefinir a política do analista com respeito ao manejo do que a transferência implica de gozo. A vertente fálica da sexuação apreende o objeto como incestuoso. O objeto *a* de Lacan não é o objeto incestuoso, nem a Coisa (*das Ding*) à qual só se tem acesso pelo heroísmo, pela transgressão ou pela tragédia. A mulher é *não toda* assujeitada à castração quer dizer que há um gozo que é contingente que não se regula pela sexuação fálica. Para além do falo o acesso ao gozo não implica a transgressão e sim a causa do desejo, o que pode limitar-se a, por exemplo, uma "condição fetiche". Podemos tomar como índice desse gozo o desejo de um homem por uma mulher.<sup>29</sup> Do lado da mulher há um gozo do qual ela não é sujeito, ela não o reivindica, uma vez que para o

---

consegui encontrar essa afirmação no *Seminário XI*. Decidi conservá-la acreditando que se trata, talvez, de uma interpretação de Soler das palavras de Lacan e que nos parece justificada no trecho que se segue: ".Ora esse não é o caso segundo Lacan, da transferência passagem ao ato da realidade sexual do inconsciente – que não é repetição e não depende da decifração".(p. 57)

<sup>29</sup> Tiramos partido aqui de uma afirmação de Lacan em *RSI*: "um homem/pai não tem direito ao respeito nem ao amor se o dito amor não for perversamente orientado para uma mulher". Que a mulher seja para o homem um objeto *a*, isso nos serve para por em evidência um gozo, que do lado da mulher, não está assujeitado à castração fálica.

desejo do Outro ela seja o objeto *a*. Porque a mulher é *não-toda* assujeitada à castração ela pode ter acesso a um gozo que opera como um recomeço, um retorno às origens, um apelo à refundação do sujeito.

Essa dimensão de objeto *a*, em jogo na relação da mulher ao desejo do Outro, acredito que possa lançar luz sobre o fenômeno do *acting-out* que é abordado na literatura psicanalítica, pela vertente de seus efeitos negativos para o processo analítico. Sugiro, a título de hipótese, que o *acting-out* é um efeito da surpresa introduzida pelo fato da interpretação inscrever-se sobre o pano de fundo de um impossível. O *acting-out* é uma contingência do ato analítico pois permite apreender o sujeito às avessas: em lugar de “*onde Isso era, Eu devo advir*”, temos uma espécie de “*onde era o Eu, Isso deve advir*”. O *acting-out* prenuncia, segundo me parece, uma mudança de posição subjetiva do analisando no curso de uma análise. Essa mudança, por sua vez, é um índice da destituição subjetiva, da queda da suposição de saber que define o término de uma análise. A posição feminina de objeto causa do desejo do Outro, tem uma afinidade de estrutura com a posição do analisando diante do desejo do analista.

Podemos comparar a estrutura do *acting-out* com a do sintoma extraindo a seguinte articulação. Embora ambos tenham estrutura de ficção, num o sujeito está representado metaforicamente e no outro o sujeito confunde-se com um objeto metonímico. O sintoma é metáfora. O *acting-out* não tem estrutura de metáfora, a verdade aí está desligada da substituição significativa. Podemos dizer assim, é um objeto à deriva, uma verdade sem amarração. O *acting-out* tem relação com que da verdade é *não-todo*. E o que pode ser não todo verdade senão o gozo?

c) Qual é o objeto da angústia?

O encontro com o desejo do Outro, com a falta no Outro correlaciona-se com a antecipação do Outro que não há. Nesse ponto, a angústia é o sinal da perda do sentido, de um confronto com a ausência da relação sexual. Na vertente da sexuação fálica toda angústia é angústia de castração pois antecipa o encontro com o Outro sexo que não existe porque para ambos só há o falo. Para além do falo a angústia deve dar lugar ao desejo de um objeto que seja outro, cuja estrutura seja *não-toda* submetida à castração. A angústia é o sinal da destituição subjetiva, ou seja, o sujeito aí é um objeto causa do desejo do Outro. A angústia antecipa-se ao sujeito, neste ponto onde ele não é ainda. O tempo da angústia é o tempo da muda. O tempo da angústia requer alguma coisa para além da castração. Lá onde isso estava o sujeito, o desejo deve advir. Entre o gozo e o desejo, a angústia é geralmente o sinal, numa análise da mudança de posição subjetiva. Anuncia que o sujeito deverá reencontrar-se lá onde isso estava e ele não sabia.

As sessões de tempo variável precipitam esse encontro com o Outro como ‘não saber’. A estratégia lacaniana empurra o sujeito na direção do confronto com um ponto em que o *acting-out* pode ser o único recurso diante do ‘não se pode dizer’ por quê é impossível. O comparecimento desse ponto indica que há algo que não é passível de ser interpretado. O objeto *a* não é o índice do retorno do recalcado e sim o sinal do sujeito em vias de advir. No *Seminário X (L’Angoisse)* Lacan ensina que se a ‘falta de saber, falta’ então a angústia diante do objeto destacado do gozo empurra ao *acting-out*. Por aí se ‘mostra’ o que ‘as palavras não podem enunciar’.

Ilustraremos essa articulação por meio da ocorrência de uma intensa hostilidade contra o analista e seguida de um impulso irreprimível de interromper o processo analítico, durante a sessão de uma analisanda. O que queremos verificar é a coordenação da queda

do objeto a oculto na suposição feita ao saber do analista e a retificação subjetiva das relações dessa analisante com o desejo de saber, pelo comparecimento do objeto causa do desejo.

d) *Da demanda ao desejo ou ao mais de gozar?*

O caso é relativamente simples. A queixa é banal. Ela trabalha muito. Esse envolvimento excessivo justifica-se por um gosto exagerado pela perfeição. O produto do seu trabalho deve rivalizar-se com obras de arte. Não tem sido muito feliz na vida amorosa. Precisa melhor sua insatisfação nos seguintes termos: “os homens que eu admiro e que ficaria feliz em ter ao meu lado não me arrisco a conquistá-los. Termino acompanhada por homens que menosprezo e com quem não quero nada mais duradouro. Conclui que não é possível que um homem digno de sua admiração possa desejá-la.” Nesse ponto a transferência se estabelece trazendo à rememoração uma história traumática de adolescência. O primeiro namorado trocou-a por uma outra com quem podia ter relações sexuais. A dor dessa perda modificou sua posição diante dos homens. Passou a rivalizar-se com eles ostentando seu desempenho bem sucedido no trabalho e tornou-se uma conquistadora irresistível de parceiros eventuais.

O prosseguimento dessa análise traz à tona sua descrença. Não há homens que sejam interessantes e ao mesmo tempo se interessem por uma mulher ativa e desejante como ela. Essa posição revela o impasse da sexualidade fálica. Se o que interessa a homens e mulheres é o falo, como pode haver relação sexual ?

Um relacionamento intenso e passageiro com um homem há muito desejado vem confirmar suas expectativas. Embora fortemente interessado por ela, prefere uma namorada desinteressante. Ela fica extremamente confusa diante dessa experiência. Pergunta-se sobre: o que pode manter esse homem tão ligado àquela mulher? Questiona-se à respeito de seu valor como objeto para um homem. Lembra-se de que foi uma menina emburrada e feinha. Nesse momento de sua análise uma angústia depressiva é o sinal de uma mudança de posição subjetiva que deixará ver a exigência pulsional que estava até então investida no laço transferencial impedindo as mudanças em sua análise e em sua vida.

Uma virada na transferência traz à tona uma violenta hostilidade contra a analista e que denuncia o *acting-out*. Ela me comunica sua decisão de abandonar a análise pois está completamente descrente de qualquer possibilidade de mudança. Nada parecia poder detê-la. Então acusa a analista de iludi-la “persuadindo-a a procurar homens idealizados”. Surpreendida com essa afirmação digo que sua raiva me interessa porque me diz respeito e reivindico que ela me fale mais sobre isso. A fórmula é ambígua. Ao dizer “*me interessa porque me diz respeito*”, propositadamente sugiro que a acusação que me é endereçada é justa e que eu tenho responsabilidade diante de alguma coisa que não sei o que é. É preciso que ela me diga. O manejo da transferência *agireren* deve incluir alguma coisa da satisfação pulsional que é reivindicada. Sem isso a interrupção do processo analítico é quase certa. Ela aceita meu pedido e lhe ofereço dobrar o número de encontros semanais. Seu relato traz à tona o investimento pulsional que estivera oculto sob a suposição de saber.

A raiva que ela manifesta é a raiva da mãe. A estrutura ambígua remete à rememoração dos acessos de raiva que acometiam sua mãe mas, também aos acessos que a acometem. Ela se queixava constantemente da falta de ambição do marido. Reivindicava para si todas os méritos com respeito ao patrimônio da família. Sua mãe lhe

transmitira a certeza de que a família não teria nada porque seu pai era um homem consciencioso demais para ousadias. A raiva que ela própria experimenta contra mim entretanto é atual. Confessa que fora muito ligada à sua mãe e chegou a pensar que não suportaria bem a vida depois que ela morreu. Na verdade, sua entrada em análise se esclarece retrospectivamente pela perda da mãe. Era para ela que corria toda vez que tinha problemas de relacionamento com homens. Era para ela que exibia sua performance bem sucedida e auto-suficiente no trabalho. Ao longo de muitos meses esforçou-se para me deixar ocupar esse mesmo lugar. Não tendo encontrado a ressonância esperada formulou sua decepção por meio da acusação que relatei. Minhas intervenções ao longo desse período tinham funcionado à serviço de uma esperança de encontrar um homem não apenas tão bom como seu pai, como com toda certeza, muito melhor. O efeito foi o reencontro com o gozo impossível: o homem dividido entre idealizado e desprezado.

Verifico, só depois, que a queixa endereçada à analista refere-se à separação da analista desse lugar (o da mãe) que lhe foi proposto na transferência. Durante muitos meses eu era esperada como cúmplice de sua decepção com os homens. Minhas intervenções introduziram uma incerteza quanto ao objeto dessa queixa. A mudança na sua posição subjetiva foi assinalada pela intensa raiva contra mim, sinal de sua separação de sua mãe (o objeto a em queda) e de uma nova posição diante do desejo e do gozo, em vias de advir.

Após esse episódio de intensa transferência hostil ela reivindica mais tempo para si mesma e separa-se da dedicação excessiva ao trabalho deixando transparecer o que me parece ser essencialmente um acting-out. Ela desempenha para todos os homens que admira o papel de um objeto de desejo inatingível. Pensa que sua eficiência exerce uma atração irresistível, manejada à serviço do seu sucesso profissional. Por isso ela se aferra a uma rígida disciplina e nunca se deixa envolver nesses casos amorosos. Entretanto, no momento em que essa encenação é desvelada, ela já não tem mais certeza de que há um laço necessário entre sua abstinência e o lugar que ocupa na vida profissional. O desejo de saber declina e a queixa que marcou sua entrada em análise foi retificada, dando lugar a uma nova posição diante do desejo e do gozo, que desta vez a implica como responsável. Será preciso um passo a mais que lhe possibilite inventar uma solução singular para sua vida amorosa.

Como Freud bem reconhecia, a plasticidade das pulsões pode ter destinos tais como o recalque e a sublimação. Entretanto escreve ele, “Não devemos deixar de contemplar também o terceiro dos possíveis desenlaces do tratamento analítico. Certa parte dos desejos libidinais reprimidos faz jus à satisfação direta e deve alcançá-la na vida... Não devemos ensoberbecer-nos tanto, a ponto de perder completamente de vista nossa natureza animal, nem esquecermos tampouco que a felicidade individual não deve ser negada pela civilização”.<sup>30</sup> Talvez só lhe tenha faltado um esforço a mais para reconhecer nessa pequena parte de exigência pulsional, rebelde à civilização, o limite real do analisável, isto é, a parte de gozo encravada no sintoma que permite precisar a noção de término de análise.

#### **Bibliografia:**

- Brousse, M.H. et Ciaccia, A. “Quelques remarques sur l’interprétation aujourd’hui” in *Document du Travail sur la passe*, ECF, 1999.
- Coelho dos Santos, T. “De que desejo do Outro a angústia é o sinal?” in: *Latusa* n. 4, Contracapa Ed. Rio de Janeiro, 2000.

---

<sup>30</sup> Freud, S. [1910(1909)], p. 50

- “As estruturas freudianas da psicose e sua reinvenção lacaniana”, in: *Sobre a psicose*, Contracapa Eds, Rio de Janeiro, 1999.
- “As estruturas freudianas da psicose: transferência e interpretação em casos borderline”, *Revista do Tempo Psicanalítico*, SPID Ed., Rio de Janeiro, 1998.
- “Da lógica da fantasia à finalidade do ato psicanalítico”, in: *Revista do tempo Psicanalítico*, SPID Ed., Rio de Janeiro, 1995.

Freud, S. Imago Ed., 1979

- Vol. XII        A dinâmica da transferência (1912)  
                   Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912)  
                   Sobre o início do tratamento (1913)  
                   Recordar, Repetir e elaborar (1914)  
                   Observações sobre o amor transferencial (1915)
- Vol. XVIII      Além do princípio do prazer (1920)
- Vol. XVIII      Análise Terminável e Interminável (1937)

Lacan, J. *Le Seminaire: Livre I, Les écrits techniques de Freud* (1953/54), Editions du Seuil, Paris, 1975.

----- Livre VIII, Le Transfert (1960/61), Editions du Seuil, Paris, 1991.

----- Livre X, L'Angoisse (1962/63). Inédito.

----- Livro XI, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise(1964). JZE, RJ, 1985,

Laurent, E, et Miller, J.A.. “L' autre qui n' existe pas e ses comités d'éthique”, in *Document de Travail sur la passe*, ECF, 1999, p. 13/14.

Miller, J. A.. *El lenguaje aparato del goce*. Coleccion Diva, Buenos Aires, 2000a.

----- A Erótica do tempo, *Latusa*, EBP, Contracapa, RJ, 2000b.

----- “Petite introduction à l'au-delà de l'Oedipe”, in *Document du Travail sur la passe*, ECF, 1999, p. 8.

----- “Les six paradigmes de la jouissance” in *La Cause Freudienne*, Revue de Psychanalyse, publication de L'École de la Cause Freudienne, n. 43.

Soler, C. *Artigos Clínicos*, Ed. Fator, SA, Bahia, 1991.